

ORIENTAÇÕES DE ESTUDOS DE FILOSOFIA

2

1^a
SÉRIE



Ensino Médio

Secretaria de
Educação



GOVERNO DO ESTADO
RIO DE JANEIRO



/SeeducRJ



/seeducrj



/seeducRio

Secretaria de
Educação



GOVERNO DO ESTADO
RIO DE JANEIRO

Governo do Estado do Rio de Janeiro
Secretaria de Estado de Educação

Comte Bittencourt
Secretário de Estado de Educação

Andrea Marinho de Souza Franco
Subsecretária de Gestão de Ensino

Elizângela Lima
Superintendente Pedagógica

Coordenadoria de Áreas do Conhecimento
Maria Claudia Chantre

Assistentes

Carla Lopes
Fabiano Farias de Souza
Roberto Farias
Verônica Nunes

Texto e conteúdo

Prof. Alexandre Botelho José
CIEP 394 Cândido Augusto Ribeiro Neto
Prof. Vitor Dantas de Moraes
C.E. Irineu José Ferreira
Prof. Diego Felipe de Souza Queiroz **Instituto de Educação Carmela Dutra**

Capa

Luciano Cunha



Revisão de texto

Prof^a Alexandra de Sant Anna Amancio Pereira

Prof^a Andreia Cristina Jacurú Belletti

Prof^a Andreza Amorim de Oliveira Pacheco.

Prof^a Cristiane Póvoa Lessa

Prof^a Deolinda da Paz Gadelha

Prof^a Elizabete Costa Malheiros

Prof^a Ester Nunes da Silva Dutra

Prof^a Isabel Cristina Alves de Castro Guidão

Prof José Luiz Barbosa

Prof^a Karla Menezes Lopes Niels

Prof^a Kassia Fernandes da Cunha

Prof^a Leila Regina Medeiros Bartolini Silva

Prof^a Lidice Magna Itapeassú Borges

Prof^a Luize de Menezes Fernandes

Prof Mário Matias de Andrade Júnior

Paulo Roberto Ferrari Freitas

Prof^a Rosani Santos Rosa

Prof^a Saionara Teles De Menezes Alves

Prof Sammy Cardoso Dias

Prof Thiago Serpa Gomes da Rocha

Esse documento é uma curadoria de materiais que estão disponíveis na internet, somados à experiência autoral dos professores, sob a intenção de sistematizar conteúdos na forma de uma orientação de estudos.



Filosofia – Orientação de Estudos

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| 1. INTRODUÇÃO..... | 6 |
| 2. AULA 1: Hora do vídeo!..... | 7 |
| 3. AULA 2: Mito e Filosofia | 7 |
| 3.1 O que é Mito? | 7 |
| 3.2. A busca pela sabedoria | 9 |
| 4. AULA 3: #Papo de filósofo: Marilena Chaui..... | 11 |
| 4.1. Mito e Filosofia | 12 |
| 4.2. Vamos refletir: | 14 |
| 5. AULA 4: Os mitos modernos | 15 |
| 6. AULA 5: O “Enem” sabia disso? | 19 |
| 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 22 |
| 7.1. Leitura Sugerida: | 22 |
| 8. RESUMO | 23 |
| 9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 24 |

Secretaria de
Educação



GOVERNO DO ESTADO
RIO DE JANEIRO

DISCIPLINA: Filosofia.

ORIENTAÇÕES DE ESTUDOS PARA FILOSOFIA

2º Bimestre de 2020 – 1ª Série do Ensino Médio

Prof. Alexandre Botelho José

META:

Apresentar a origem do discurso mítico, como eles influenciaram na construção da Filosofia e como são os mitos na atualidade.

OBJETIVOS:

Ao final destas Orientações de Estudos, você deverá ser capaz de:

- Articular as relações entre mito e filosofia.



1. INTRODUÇÃO

Você, certamente, já se pegou fazendo algumas perguntas do tipo, o que são mitos? Para que serve a mitologia? Os mitos são “mentiras”? Com a Filosofia, o mito desaparece? Será que em nossa sociedade ainda nos orientamos pelo pensamento mítico? Além dessas e outras questões, essa Orientação de Estudos procurará as conexões sociológicas e históricas para entender o mito e o nascimento da filosofia na Grécia.

Precisamos compreender que o ser humano é identificado e caracterizado como um ser pensante, criativo e que busca explicações para tudo que acontece no universo. Criamos explicações, pensamentos e justificativas para tudo que acontece na sociedade. Quando falamos de pensamento, estão presentes tanto o mito, muitas vezes representado pela a religião, quanto a racionalidade, ou seja, a base mitológica, enquanto pensamento por figuras e crenças, e a base racional, enquanto pensamento por conceitos e fatos. E o interessante é que esses elementos são constituintes do processo de formação do próprio conhecimento filosófico.

Compreender que o surgimento do pensamento racional entre os gregos é extremamente importante para que possamos entender a conquista da autonomia da razão (*lógos*) diante do mito. Após o mito é que o homem passou para uma etapa fundamental na história do pensamento e do desenvolvimento de todas as concepções científicas produzidas até os nossos dias. Vamos viajar nessa aventura?

Dessa forma iniciamos mais um bimestre para ampliar os nossos conhecimentos filosóficos. Bons estudos!

2. AULA 1: Hora do vídeo!

No vídeo abaixo, os professores Luciano Ferreira da Silva e Daniele Maia falam sobre a origem da Filosofia, do mito e da razão e os principais mitos gregos trazendo muitas contribuições para entendermos a importância dos mitos para a Filosofia chegando até nós. Vamos lá?



Acesse:

Parte 1: <https://youtu.be/GTCjPQMTmJ0>

Parte 2: <https://youtu.be/iYS6qheEpek>

3. AULA 2: Mito e Filosofia

3.1 O que é Mito?

Você já deve ter percebido que as principais perguntas sobre a vida humana podem ser respondidas sob diferentes perspectivas, épocas e culturas. Dentre essas perspectivas, podemos citar: mítica, religiosa, científica e filosófica. Sendo que as respostas míticas, geralmente, são explicações, podendo contentar a fantasia, embora seu conteúdo aponte verdades sobre a realidade. Costumamos dizer que mitos não são “mentiras”, mas uma forma de explicação das verdades.

Por outro lado, temos também as respostas religiosas que através da fé, escritos sagrados e costumes trazem explicações sobre a criação do mundo e do

Mito (gr. *mythos*: narrativa, lenda)

Narrativa lendária, pertencente à tradição cultural de um povo, que explica através do apelo ao sobre-natural, ao divino e ao misterioso, a origem do universo, o funcionamento da natureza e a origem e os valores básicos do próprio povo. Ex.: o mito de Ísis e Osiris, o mito de Prometeu etc. O surgimento do pensamento filosófico-científico na Grécia antiga (séc.VI a.C.) é visto como uma ruptura com o pensamento mítico. Já que a realidade passa a ser explicada a partir da consideração da natureza pela própria, a qual pode ser conhecida racionalmente pelo homem. podendo essa explicação ser objeto de crítica e reformulação; daí a oposição tradicional entre mito e logos.

JAPIASSÚ, H. *Dicionário básico de filosofia*. 5 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

homem, vida e morte e outras questões que a religião tenta explicar através da crença. Já nas respostas científicas, elas se ocupam em averiguar os fatos, compreendê-los de modo objetivo a partir da racionalização e experimentação. E, por sua vez, as respostas filosóficas, propõem oferecer explicações completas de todas as coisas, do conjunto, do todo. Mas, nessa aula vamos nos ater basicamente na relação do mito com a Filosofia!

Assim, podemos perceber que a busca pelo conhecimento e pelas respostas dos questionamentos da humanidade não é tarefa exclusiva da Filosofia. O ser humano possui uma inclinação pelo conhecimento. E como visto, o mito também é uma forma de conhecimento, é também uma tentativa de explicação. E você, aluno, já pode concluir que o mito preparou o próprio caminho da Filosofia, pois as narrativas míticas são respostas às mais diversas indagações humanas. Inclusive, muitos filósofos, como é o caso de Platão, utilizaram mitos como instrumentos, meios de explicação de suas ideias. É o famoso caso do Mito da Caverna que vimos na OE do Primeiro Bimestre! Será que Platão queria ensinar simplesmente um mito para os seus discípulos? Ou Platão está se utilizando de uma linguagem simbólica para transmitir suas ideias?

Platão desenvolve nesse mito uma nova atitude filosófica quanto à busca do conhecimento. No mito, ele faz uma diferença entre o *mundo sensível*, aquele percebido pelos sentidos dos prisioneiros como sombras refletidas na parede e o *mundo real* ou



Fonte: <https://www.mitologia.pt/resumo-da-alegoria-da-caverna-de-platao-57603>

essencial, aquele fora da caverna. Perceba que para aquelas pessoas que nunca haviam experimentado algo diferente, a realidade era um mundo de sombras e de ecos. Para eles, imaginar outro mundo, onde houvesse outras condições de luminosidade, de cores, de cheiros e formas era algo que poderia ser comparado à loucura e quem ousasse mencionar algo assim seria ridicularizado e condenado. Pegando a nossa realidade, hoje em dia, vemos muitas pessoas sendo ridicularizadas pelo simples fato

de não estarem dentro do mesmo universo das redes sociais.

Agora que você percebeu a relação entre mito e filosofia, vamos prestar bastante atenção num importante trecho que se segue sobre o mito.

Na verdade, os mitos não são apenas narrativas sobre a origem do homem, das coisas da natureza, do mundo. Eles também falam sobre aspectos da condição humana, como o fato de ser mortal e sexuado, de viver em sociedade e de ter de trabalhar para sobreviver e da necessidade de regras de convivência... Dessa forma, são parte da história de todos os povos, por todo o planeta.

CHALITA, G. **Vivendo a Filosofia**. São Paulo, 2002, p. 23.

Como podemos perceber, as relações entre mito e Filosofia são formas do discurso do ser humano. Entenda que são formas distintas, mas não opostas entre si, uma não anula ou substitui a outra. A experiência filosófica se aproxima, e muito, da narrativa mítica, pois são tentativas de compreensão do próprio ser humano e do mundo que o circunda. Até hoje vemos isso acontecer quando vemos uma novela, por exemplo, que é uma “fantasia” que procura retratar o mundo em um determinado ponto da história.

Precisamos entender que o mito e a Filosofia são formas de expressar a nossa existência e garantir a nossa sobrevivência através da história e para a posteridade. O que seríamos sem o mito e a Filosofia?!

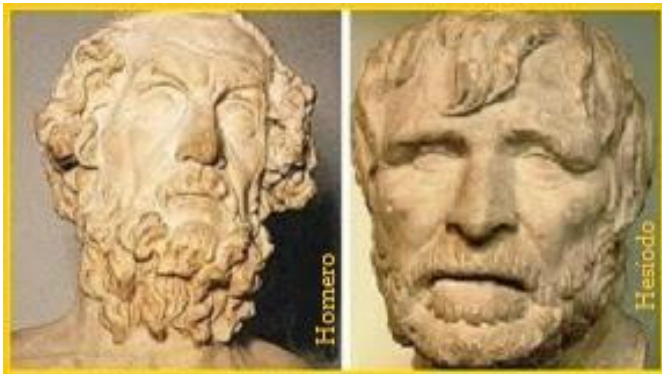
3.2. A busca pela sabedoria

Conforme vimos no 1º bimestre, a palavra Filosofia, também de origem grega, significa “amor pela sabedoria”. E nada mais justo que compreendamos quais características que existem no discurso filosófico. Como podemos identificar um texto ou um pensamento filosófico?

Você já compreendeu e sabe identificar um mito porque ele utiliza símbolos, personagens e por ser uma narrativa imaginária e fantasiosa. Já os filósofos, em geral, apresentam outro tipo de linguagem e não necessariamente melhor, superior ou contrária ao mito. Simplesmente podemos dizer que os discursos mítico e filosófico apresentam algumas diferenças. E vamos entender quais são estas diferenças?

Sabe o que é interessante? Na origem da Filosofia encontramos o *mito* e a

poesia. Eram formas de explicar como o mundo e as coisas funcionavam. Os mitos que conhecemos são formas de narrativas orais sobre os tempos primordiais, isto é, sobre a origem ou a criação. Os mais famosos são os mitos gregos, mas temos vários outros, como os nórdicos, egípcios, dentre outros. Temos até os mitos brasileiros, que são os mitos indígenas. São as formas como as sociedades arcaicas representavam coletivamente a geração de todas as coisas, isto é, a sua maneira de expressar suas experiências.



Já as poesias que chegaram até nós são as de **Homero (séc. IX a.C.)** e **Hesíodo (séc. VIII a.C.)**, que contam detalhes da vida das sociedades gregas antigas. Vale ressaltar que mesmo sendo poesias, as obras *Ilíada* e *Odisseia* de Homero e

Teogonia de Hesíodo são as principais fontes dos mitos gregos, ou seja, na verdade não são obras originais desses autores. São apenas indivíduos a registrar poeticamente lendas recolhidas das tradições dos diversos povos, os quais sucessivamente ocuparam a Grécia desde o período arcaico (1500 a.C.).

O discurso filosófico possui um cuidado com o rigor lógico. Os símbolos que são tão marcantes no mito não são utilizados pelos filósofos. O texto filosófico procura estabelecer conceitos e demonstrações sobre os mais variados tipos de assunto. Para o filósofo é muito importante que exista uma argumentação. A imaginação que é tão importante para os poetas e, portanto, para os mitos, não estará tão presente na linguagem de muitos filósofos. Em outras palavras, podemos dizer que o discurso mítico é mais livre, enquanto que o discurso filosófico apresenta-se mais crítico e questionador.

Nessa mudança existem duas versões para esse amadurecimento da Filosofia: a versão mais conhecida é aquela que acentua o surgimento de uma metodologia nova de abordagem dos problemas no esforço de certos pensadores em explicar os fenômenos naturais com métodos que possibilitavam medir, verificar e prever os fenômenos. Nessa versão a Filosofia ao nascer, opõe-se ao mito e o substitui, a partir

de uma nova racionalidade. Já a segunda versão diz que não houve um rompimento com o mito, e a religiosidade dos antigos continuou a aparecer de outras maneiras nas formas de conhecimento filosófico, ou seja, houve uma adaptação na forma de compreender a realidade.

O importante é compreender que, mesmo com essas explicações extremadas, a Filosofia está sempre em busca da verdade e para isso, abandona e supera a crença mítica e abraça a razão e a lógica como pressupostos básicos para o pensamento e a busca da verdade. Entretanto, apesar de não haver um consenso na definição do que seja a “verdade”, há uma hipótese de que a verdade é o caminho esclarecedor da vida, o que a torna mais bela em todos os seus sentidos. Por conseguinte, os filósofos ocupavam-se com a busca dessa verdade ou, pelo menos, estabelecer os caminhos para acessá-la. Então podemos dizer que a Filosofia surgiu por meio da racionalização dos mitos, mas sob a influência dos conhecimentos adquiridos de outros povos gerando algo novo, ou seja, houve uma superação e transformação do antigo, gestando o novo de maneira diferente e com o intuito de se chegar a verdade de forma racional.

Consegue perceber que a busca pelo saber é uma busca constante e que acontece até nossos dias? É por isso que o mito e a Filosofia são importantes até os dias atuais, pois precisamos ter sempre um ponto de equilíbrio entre o que acreditamos e o que de fato é verdade. Mas, creia, que mesmo assim ainda existem pontos de divergências. A tirinha abaixo não deixa mentir!



4. AULA 3: #Papo de filósofo: Marilena Chaui

No seu livro **Convite à Filosofia**, a Profa. Marilena Chaui trata de muitos assuntos e dentre eles, ela fala sobre a relação entre mito e Filosofia. Leia o excerto a

seguir e depois responda as perguntas logo após o texto:

4.1. Mito e Filosofia

Há um problema que também tem ocupado muito os estudiosos. O novo problema pode ser assim formulado: a Filosofia nasceu realizando uma transformação gradual sobre os mitos gregos ou nasceu por uma ruptura radical com os mitos? O que é um mito? Um mito é uma narrativa sobre a origem de alguma coisa (origem dos astros, da Terra, dos homens, das plantas, dos animais, do fogo, da água, dos ventos, do bem e do mal, da saúde e da doença, da morte, dos instrumentos de trabalho, das raças, das guerras, do poder, etc.).

A palavra *mito* vem do grego *mythos* e deriva de dois verbos: do verbo *mytheyo* (contar, narrar, falar alguma coisa para outros) e do verbo *mytheo* (conversar, contar, anunciar, nomear, designar). Para os gregos, mito é um discurso pronunciado ou proferido para ouvintes que recebem como verdadeira a narrativa, porque confiam naquele que narra; é uma narrativa feita em público, baseada, portanto, na autoridade e confiabilidade da pessoa do narrador. E essa autoridade vem do fato de que ele ou testemunhou diretamente o que está narrando ou recebeu a narrativa de quem testemunhou os acontecimentos narrados.

[...]

Vemos, portanto, que o mito narra a origem das coisas por meio de lutas, alianças e relações sexuais entre forças sobrenaturais que governam o mundo e o destino dos homens. Como os mitos sobre a origem do mundo são genealogias, diz-se que são **cosmogonias** e **teogonias**.

A palavra *gonia* vem de duas palavras gregas: do verbo *gennao* (engendrar, gerar, fazer nascer e crescer) e do substantivo *genos* (nascimento, gênese, descendência, gênero, espécie). *Gonia*, portanto, quer dizer: geração, nascimento a partir da concepção sexual e do parto. *Cosmos*, como já vimos, quer dizer mundo ordenado e organizado. Assim, a **cosmogonia** é a narrativa sobre o nascimento e a organização do mundo, a partir de forças geradoras (pai e mãe) divinas.



Marilena Chaui

Fonte:

<https://artepensamento.com.br/autor/marilena-chai/>

Teogonia é uma palavra composta de *gonia* e *theós*, que, em grego, significa: as coisas divinas, os seres divinos, os deuses. A **teogonia** é, portanto, a narrativa da origem dos deuses, a partir de seus pais e antepassados.

Qual é a pergunta dos estudiosos? É a seguinte: A Filosofia, ao nascer, é, como já dissemos, uma cosmologia, uma explicação racional sobre a origem do mundo e sobre as causas das transformações e repetições das coisas; para isso, ela nasce de uma transformação gradual dos mitos ou de uma ruptura radical com os mitos? Continua ou rompe com a cosmogonia e a teogonia? Duas foram as respostas dadas.

A primeira delas foi dada nos fins do século XIX e começo do século XX, quando reinava um grande otimismo sobre os poderes científicos e capacidades técnicas do homem. Dizia-se, então, que a Filosofia nasceu por uma ruptura radical com os mitos, sendo a primeira explicação científica da realidade produzida pelo Ocidente.

A segunda resposta foi dada a partir de meados do século XX, quando os estudos dos antropólogos e dos historiadores mostraram a importância dos mitos na organização social e cultural das sociedades e como os mitos estão profundamente entranhados nos modos de pensar e de sentir de uma sociedade. Por isso, dizia-se que os gregos, como qualquer outro povo, acreditavam em seus mitos e que a Filosofia nasceu, vagarosa e gradualmente, do interior dos próprios mitos, como uma racionalização deles.

Atualmente consideram-se as duas respostas exageradas e afirma-se que a Filosofia, percebendo as contradições e limitações dos mitos, foi reformulando e racionalizando as narrativas míticas, transformando-as numa outra coisa, numa explicação inteiramente nova e diferente.

Quais são as diferenças entre Filosofia e mito? Podemos apontar três como as mais importantes:

1. O mito pretendia narrar como as coisas eram ou tinham sido no passado imemorial, longínquo e fabuloso, voltando-se para o que era antes que tudo existisse tal como existe no presente. A Filosofia, ao contrário, se preocupa em explicar como e por que, no passado, no presente e no futuro (isto é, na totalidade do tempo), as coisas são como são;

2. O mito narra a origem através de genealogias e rivalidades ou alianças entre forças divinas sobrenaturais e personalizadas, enquanto a Filosofia, ao contrário, explica a produção natural das coisas por elementos e causas naturais e impessoais. O mito falava em Urano, Ponto e Gaia; a Filosofia fala em céu, mar e terra. O mito narra a origem dos seres celestes (os astros), terrestres (plantas, animais, homens) e marinhos pelos casamentos de Gaia com Urano e Ponto. A Filosofia explica o surgimento desses seres por composição, combinação e separação dos quatro elementos - úmido, seco, quente e frio, ou água, terra, fogo e ar;

3. O mito não se importava com contradições, com o fabuloso e o incompreensível, não só porque esses eram traços próprios da narrativa mítica, como também porque a confiança e a crença no mito vinham da autoridade religiosa do narrador. A Filosofia, ao contrário, não admite contradições, fabulação e coisas incompreensíveis, mas exige que a explicação seja coerente, lógica e racional; além disso, a autoridade da explicação não vem da pessoa do filósofo, mas da razão, que é a mesma em todos os seres humanos.

CHAUI, M. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ed. Ática, 2000.

4.2. Vamos refletir:

1. Explique com suas palavras as diferenças entre mito e Filosofia.
2. Veja a tirinha abaixo e reflita sobre a sua vida, suas crenças e o que você compreende sobre o mundo e busque identificar quais são os “mitos” da atualidade.



Fonte: <http://www.willtirando.com.br/mito-do-vestido/>

5. AULA 4: Os mitos modernos

Caros alunos! Nós vimos como os mitos foram importantes para o surgimento da Filosofia, mas já pensou que temos mitos também na atualidade? E como esses mitos nos influenciam sem mesmo sabermos?

Cabe aqui destacar que o mito é muito confundido com o conceito de “lenda”, porém esta não tem compromisso nenhum com a realidade, são meras histórias sobrenaturais, como é o caso da mula sem cabeça e do saci Pererê. Exatamente por isso que o mito não é exclusividade de povos primitivos, nem de civilizações nascentes, mas existe em todos os tempos e culturas como componente indissociável da maneira humana de compreender a realidade, ou seja, o mito pode ser algo tão presente em nossas vidas tanto quanto a própria Filosofia.

Vamos tentar entender esse contexto? Na modernidade, podemos pensar filosoficamente outros conceitos para o mito, pois como já vimos, existem várias formas de ver e entender o mundo. Um desses modos de entender o mito é (re)pensá-lo como *fantasmagoria*, isto é, aquilo que imaginamos de nós mesmos a partir de uma aparência que acreditamos ser a realidade.

Fantasmagoria, então, é aquela imagem que a sociedade projeta de si mesma e que não corresponde ao real, porém é reconhecida como se o fosse. É a realização do desejo de substituição daquele espaço vago entre o sujeito e a característica que ele gostaria de ter e representá-lo. A fantasmagoria, assim sendo, serviria como meio de simular uma imagem que represente de forma mais “agradável” a sociedade.

CUNHA JÚNIOR, L. N. A Noção de Fantasmagoria na Filosofia de Walter Benjamin. In: DONATELLI, M. C.O. F. (org). **Filosofia**. Coleção Cadernos de aula. Ilhéus: Editus, 2012., p. 131.

Por exemplo, quando pensamos em progresso, imaginamos que se produzirmos mais, seremos mais ricos, entretanto, essa realidade não se concretiza e fica apenas no ideário capitalista, pois tudo que produzimos acaba sendo usado na manutenção e ampliação do que já existe. Essa ideia de “progresso” se mostra como um “mito” porque alimenta o nosso imaginário e movimenta a sociedade, ou seja, continuamos produzindo com a ilusão de que iremos crescer na mesma proporcionalidade. Outro exemplo clássico é: quem nunca imaginou que se trabalhar

mais, vai ganhar mais e no fim parece que nada muda porque também gastamos mais?!

A fantasmagoria é apenas uma das formas de analisar os mitos modernos, mas na modernidade existem outros mitos que são formados a partir da afetividade e emoção, até porque o homem moderno não é só razão, mas uma construção de sentimentos que perpassa do mundo real e vai para o virtual e todas as suas vertentes.

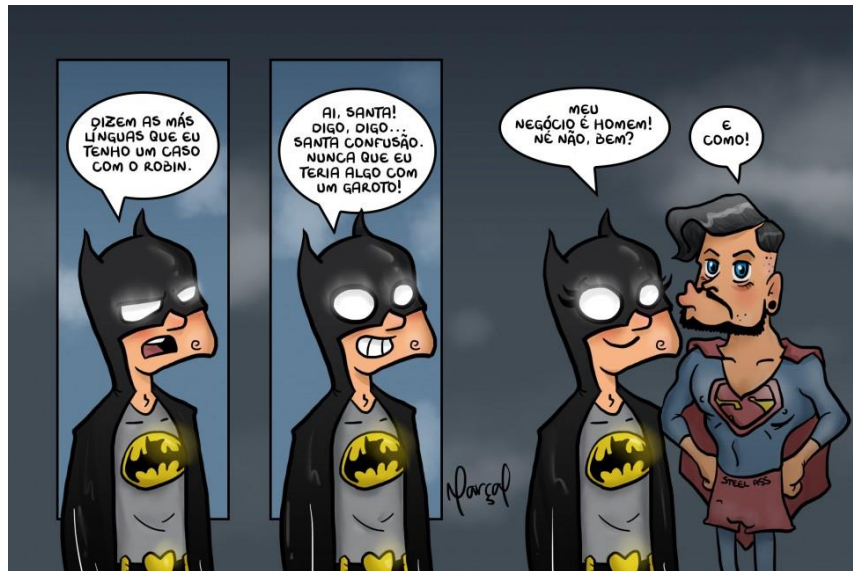
Hoje em dia, temos os meios de comunicação de massa e as redes sociais que trabalham em cima dos desejos e anseios que existem na natureza inconsciente e primitiva do ser humano. Queremos ser quem não somos e viver vidas verdadeiramente “fantasmagóricas”. Quem aqui é exatamente igual nas redes sociais? Nós não somos iguais nem com quem convivemos na vida real. A forma que somos com nossos pais é completamente diferente da forma que somos com nossos amigos. Na escola somos diferentes de quem somos na nossa igreja, e por aí vai. Parece que somos várias pessoas dentro de uma só. Já percebeu isso?

Essa é uma necessidade de sobrevivência que temos e é oriundo do “homem primitivo”, que acaba sendo recuperado no mito do “homem contemporâneo”. Com o advento da tecnologia e a possibilidade de adotarmos novas “identidades” no mundo virtual, os mitos modernos não abrangem mais a totalidade do real como ocorria nos mitos gregos, romanos ou indígenas, não existe mais a necessidade de explicar o mundo, os sentimentos e a natureza, como os antigos faziam. Hoje em dia, podemos escolher um mito da sensualidade, outro da maternidade, sem que tenham de ser coerentes entre si, podemos adotar e nos tornar nossos próprios mitos.

Um exemplo clássico são os super-heróis dos desenhos animados e dos quadrinhos, bem como os personagens de filmes, todos os personagens passam a encarnar o “Bem” e a “Justiça”, assumindo a nossa proteção imaginária, fazendo com que sonhamos em ter os mesmos poderes e de nos libertarmos da limitação que a própria vida nos impõe. Esses personagens constituem mitos, pois estão presentes nas conversas de amigos, em produtos, na publicidade, nas mais diversas mídias, dos livros à televisão, são aceitos e apreciados por grandes camadas de público de diversas idades e países, assumindo seu lugar no imaginário popular. São símbolos facilmente identificáveis, obtendo uma persuasão tão eficaz que só pode ser comparada às

grandes figuras mitológicas da antiguidade.

É interessante perceber que os super-heróis se tornaram representações universais, mitos modernos, e fazem parte do imaginário popular. Abaixo colocamos uma tirinha justamente para questionar este estereótipo que criamos e acreditamos como sendo “verdade”, e é justamente a Filosofia que vai parar e (re)pensar a construção que fazemos desses mitos.



Fonte: <https://vacilandia.com/santa-confusao/>

A própria ciência pode virar um mito, quando somos levados a acreditar que ela é feita à margem da sociedade e de seus interesses, que mantém total objetividade e que é neutra. Você pode perceber isso quando vê na atualidade como há a interferência política na fabricação, autorização, validade e distribuição das vacinas do COVID-19, ou seja, nem a ciência é totalmente livre daquilo que acreditamos ou querem nos fazer acreditar. Por isso, a necessidade da criticidade é uma forma de compreensão do mundo que dessacraliza o pensamento e a ação (isto é, retira dele o caráter de sobrenaturalidade, credence), fazendo surgir a Filosofia e a ciência.

Como mito e razão habitam o mesmo mundo, seja o mundo real ou o virtual, o pensamento reflexivo pode rejeitar alguns mitos, principalmente os que vinculam valores destrutivos ou que levam à desumanização da sociedade e ajuda a (re)construir outros valores que agreguem o respeito, a compreensão e a empatia pelo outro. Cabe a cada um de nós escolher quais serão nossos modelos e valores de vida. Vamos filosofar?

O MITO DO SUPERMAN

Eco define a mitificação como uma simbolização incôscia, uma identificação do objeto com uma soma de finalidades nem sempre racionalizáveis, projeção de uma imagem de tendências, aspirações e temores particularmente emergentes num indivíduo, numa comunidade, em toda época histórica. Temos, portanto, nossos mitos. Mas ao mesmo tempo que temos mitificações em várias culturas e épocas, temos também o fenômeno da desmistificação.

Quando falamos de desmistificação, explica Eco, nos referimos a todo processo de dissolução de um repertório simbólico institucionalizado, o que ocorreu, por exemplo, com alguns elementos da cristandade.

O Superman representa de maneira exemplar um mito moderno. O herói dotado de poderes superiores aos do homem comum é uma constante da imaginação popular. Hércules, Sigfried, Pantagrue e mesmo Peter Pan compõem, entre muitos outros, este conjunto de projeções humanas. O que se nota em todos esses heróis é que frequentemente suas virtudes se humanizam e o que se valoriza nas histórias seria a potencialização de algum poder meramente humano. No caso do Superman este poder está ligado às virtudes morais. A aproximação entre o herói e o leitor se dá no campo da possibilidade. O homem comum pode exercer a mesma virtude, aquela que dará o desfecho mais importante da história, e ela, muitas vezes, não é baseada na força física ou em características supra-humanas.

Outra característica destacada por Eco é que o Superman não é humano, é um alienígena, mas chegou à terra criança e foi criado (humanizado) por pais humanos, gente simples, do campo, honesta e virtuosa. No trabalho é um tanto atrapalhado, não tem projeção social relevante e é míope, apesar de ter uma visão de raio-X.

Constrói-se um mito, também, pela identificação e aproximação. O indivíduo comum, funcionário, sem recursos, dotes e força, se identifica imediatamente. Vale dizer que boa parte do que é atribuído aqui ao Superman compõe a caracterização de Batman, uma vez que o homem-morcego também é um importante mito deste universo. Criado por Bob Kane em 1939, incorpora uma imagem moral também bastante rigorosa e desenvolveu, sob a pena de vários roteiristas, uma espécie de coerência pragmática ao longo de 70 anos.

O elemento que enriquece a caracterização da personagem é a complexidade psicológica determinada por traumas, personalidade obsessiva, e os limites entre sanidade, loucura e delírio. Hoje, depois de certo desgaste da personagem, parece sofrer de uma síndrome da dualidade herói-vilão e se vê quase obscurecido por seu arqui-inimigo Coringa, que em várias histórias, tanto dos quadrinhos como das adaptações para o cinema, notadamente constitui o foco dramático em detrimento do próprio herói.

Mas é em outro ponto que Eco nos brinda com uma compreensão original, visto que até agora, basicamente, só repetimos o que é de conhecimento de todos.

A personagem do herói mitológico característica da mitologia antiga é sempre identificada pelo que fez no passado. Sua caracterização, suas qualidades, seu perfil heroico está baseado na sua história pregressa, suas realizações, seus feitos. Emblemática e didática é a figura de Hércules, que era conhecido por suas façanhas (os doze trabalhos). Mas não é somente Hércules que carrega essa caracterização, Odisseu (Ulysses), Teseu, Perseu, Ariadne (por que não?), Ajax, Aquiles, até mesmo Édipo, samurais também. Sobre esses heróis conta-se sempre a mesma história, a saber a história de seus feitos no passado. O curioso é que sempre ouvimos a mesma história e revivemos o mito com interesse. Neste registro o herói tem como caracterização sempre as mesmas qualidades e ele deve revelá-las no momento em que forem exigidas na trama. A característica do herói o define. Se Hércules perder a força ele deixa de ser Hércules, se deixar de ser um semideus ele não será mais o mesmo.

Portanto, o herói está preso a uma estrutura fixa. Eco denomina esta característica de uma “fixidez emblemática que o torna facilmente reconhecível”. O mesmo acontece com os super-heróis modernos. O Superman está preso em uma estrutura de comportamento e de poderes que determina suas capacidades de ação e, portanto, as possibilidades da trama. Para Eco, no entanto, a personagem mitológica de quadrinhos encontra-se em uma situação singular:

“Ele deve ser um arquétipo, a soma de determinadas aspirações coletivas e, portanto, deve necessariamente se imobilizar numa fixidez emblemática que o torne facilmente reconhecível, mas é comercializado em um âmbito de uma produção romanesca”.

RODRIGUES, E. V. F. **Uma lição de Umberto Eco sobre os mitos modernos.** São Paulo: Unesp Ciência, 2016.



#Parasabermais:

<https://www.bbc.com/portuguese/curiosidades-4911905>

<https://splashpages.wordpress.com/2008/12/16/a-mitologia-dos-super-herois/>

6. AULA 5: O “Enem” sabia disso?

1. (Enem/2012)

Desde dezoito anos que o tal patriotismo lhe absorvia e por ele fizera a tolice de estudar inutilidades. Que lhe importavam os rios? Eram grandes? Pois que fossem... Em que lhe contribuiria para a felicidade saber o nome dos heróis do Brasil? Em nada... O importante é que ele tivesse sido feliz. Foi? Não. Lembrou-se das coisas do tupi, do folk-lore, das suas tentativas agrícolas... Restava disso tudo em sua alma uma satisfação? Nenhuma! Nenhuma!

O tupi encontrou a incredulidade geral, o riso, a mofa, o escárnio; e levou-o à loucura. Uma decepção. E a agricultura? Nada. As terras não eram ferazes e ela não era fácil como diziam os livros. Outra decepção. E, quando o seu patriotismo se fizera combatente, o que achara? Decepções. Onde estava a doçura de nossa gente? Pois ele não a viu combater como as feras? Pois não a via matar prisioneiros, inúmeros? Outra decepção. A sua vida era uma decepção, uma série, melhor, um encadeamento de decepções.

A pátria que quisera ter era um mito; um fantasma criado por ele no silêncio de seu gabinete.

BARRETO, L. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. Disponível em: www.dominiopublico.gov.br. Acesso em: 8 nov. 2011.

O romance *Triste fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto, foi publicado em 1911. No fragmento destacado, a reação do personagem aos desdobramentos de suas iniciativas patrióticas evidencia que:

- a) a dedicação de Policarpo Quaresma ao conhecimento da natureza brasileira levou-o a estudar inutilidades, mas possibilitou-lhe uma visão mais ampla do país.
- b) a curiosidade em relação aos heróis da pátria levou-o ao ideal de prosperidade e democracia que o personagem encontra no contexto republicano.
- c) a construção de uma pátria a partir de elementos míticos, como a cordialidade do povo, a riqueza do solo e a pureza linguística, conduz à frustração ideológica.
- d) a propensão do brasileiro ao riso, ao escárnio, justifica a reação de decepção e desistência de Policarpo Quaresma, que prefere resguardar-se em seu gabinete.
- e) a certeza da fertilidade da terra e da produção agrícola incondicional faz parte de um projeto ideológico salvacionista, tal como foi difundido na época do autor.

2. (Enem/2012)

TEXTO I

Anaxímenes de Mileto disse que o ar é o elemento originário de tudo o que existe, existiu e existirá, e que outras coisas provêm de sua descendência. Quando o ar se dilata, transforma-se em fogo, ao passo que os ventos são ar condensado. As nuvens formam-se a partir do ar por feltagem e, ainda mais condensadas, transformam-se em água. A água, quando mais condensada, transforma-se em terra, e quando condensada ao máximo possível, transforma-se em pedras.

BURNET, J. A aurora da filosofia grega. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2006 (adaptado).

TEXTO II

Basílio Magno, filósofo medieval, escreveu: “Deus, como criador de todas as coisas, está no princípio do mundo e dos tempos. Quão parcas de conteúdo se nos apresentam, em face desta concepção, as especulações contraditórias dos filósofos, para os quais o mundo se origina, ou de algum dos quatro elementos, como ensinam os Jônios, ou dos átomos, como julga Demócrito. Na verdade, dão a impressão de quererem ancorar o mundo numa teia de aranha.”

GILSON, E.; BOEHNER, P. *História da Filosofia Cristã*. São Paulo: Vozes, 1991 (adaptado).

Filósofos dos diversos tempos históricos desenvolveram teses para explicar a origem do universo, a partir de uma explicação racional. As teses de Anaxímenes, filósofo grego antigo, e de Basílio, filósofo medieval, têm em comum na sua fundamentação teorias que:

- a) eram baseadas nas ciências da natureza.
- b) refutavam as teorias de filósofos da religião.
- c) tinham origem nos mitos das civilizações antigas.
- d) postulavam um princípio originário para o mundo.
- e) defendiam que Deus é o princípio de todas as coisas.

3. (Enem/2012)

Novas tecnologias

Atualmente, prevalece na mídia um discurso de exaltação das novas tecnologias, principalmente aquelas ligadas às atividades de telecomunicações. Expressões frequentes como “o futuro já chegou”, “maravilhas tecnológicas” e “conexão total com o mundo” “fetichi - zam” novos produtos, transformando-os em objetos do desejo, de consumo obrigatório. Por esse motivo carregamos hoje nos bolsos, bolsas e mochilas o “futuro” tão festejado.

Todavia, não podemos reduzir-nos a meras vítimas de um aparelho midiático perverso, ou de um aparelho capitalista controlador. Há perversão, certamente, e controle, sem sombra de dúvida. Entretanto, desenvolvemos uma relação simbiótica de dependência mútua com os veículos de comunicação, que se estreita a cada imagem compartilhada e a cada dossiê pessoal transformado em objeto público de entretenimento.

Não mais como aqueles acorrentados na caverna de Platão, somos livres para nos aprisionar, por espontânea vontade, a esta relação sadomasoquista com as estruturas midiáticas, na qual tanto controlamos quanto somos controlados.

SAMPAIO A. S. *A microfísica do espetáculo*. Disponível em:
<http://observatoriodaimprensa.com.br>. Acesso em: 1 mar 2013 (adaptado).

Ao escrever um artigo de opinião, o produtor precisa criar uma base de orientação linguística que permita alcançar os leitores e convencê-los com relação ao ponto de vista defendido. Diante disso, nesse texto, a escolha das formas verbais em destaque objetiva:

- a) criar relação de subordinação entre leitor e autor, já que ambos usam as novas tecnologias.
- b) enfatizar a probabilidade de que toda população brasileira esteja aprisionada às novas tecnologias.
- c) indicar, de forma clara, o ponto de vista de que hoje as pessoas são controladas pelas novas tecnologias.
- d) tornar o leitor copartícipe do ponto de vista de que ele manipula as novas tecnologias e por elas é manipulado.
- e) demonstrar ao leitor sua parcela de responsabilidade por deixar que as novas tecnologias controlem as pessoas.

4. (Enem/2013)

Os produtos e seu consumo constituem a meta declarada do empreendimento tecnológico. Essa meta foi proposta pela primeira vez no início da Modernidade, como expectativa de que o homem poderia dominar a natureza. No entanto, essa expectativa, convertida em programa anunciado por pensadores, como Descartes e Bacon e impulsionado pelo Iluminismo, não surgiu “de um prazer de poder”, “de um mero imperialismo humano”, mas da aspiração de libertar o homem e de enriquecer sua vida, física e culturalmente.

CUPANI, A. A tecnologia como problema filosófico: três enfoques, Scientiae Studia. São Paulo, v. 2 n. 4, 2004 (adaptado).

Autores da filosofia moderna, notadamente Descartes e Bacon, e o projeto iluminista concebem a ciência como uma forma de saber que almeja libertar o homem das intempéries da natureza. Nesse contexto, a investigação científica consiste em:

- a) expor a essência da verdade e resolver definitivamente as disputas teóricas ainda existentes.
- b) oferecer a última palavra acerca das coisas que existem e ocupar o lugar que outrora foi da filosofia.
- c) ser a expressão da razão e servir de modelo para outras áreas do saber que almejam o progresso.
- d) explicitar as leis gerais que permitem interpretar a natureza e eliminar os discursos éticos e religiosos.
- e) explicar a dinâmica presente entre os fenômenos naturais e impor limites aos debates acadêmicos.

Fonte: <http://educacao.globo.com/>

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ufa!!! Chegamos ao final do nosso bate-papo!

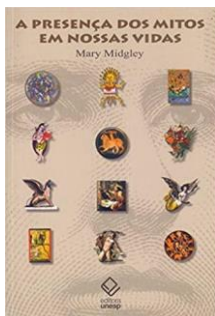
E aí, conseguiram compreender o que são mitos? Foi uma viagem bem bacana nessa Orientação de Estudos (OE) e espero que tenhamos demonstrado como os mitos influenciam as nossas vidas. Deixamos aqui a proposta de vocês buscarem mais conhecimento sobre eles e que essa busca os ajude a enxergar o mundo com outros olhares.

A nossa proposta foi identificar os discursos míticos e filosóficos, compreender que os mitos não são mentiras e que diferem das lendas. Também procuramos mostrar como houve a ruptura entre mito e filosofia, ou melhor, a readaptação dessas formas de pensar e como elas se desenvolveram no decorrer da história.

É justamente a partir daí que percebemos que ainda vivemos ao redor de mitos que nos influenciam e afetam a nossa vida. Por isso, a Filosofia através da sua criticidade é que nos ajuda a compreender que não somos “super-heróis” e nem somos quem “criamos” nas nossas redes sociais. Então, que possamos repensar as nossas vidas a fim de construirmos quem realmente somos. Por fim, não se esqueça: seja quem você for, nunca poderá ser apenas quem você quer ser! Você pode ser muito mais!

Contudo, não vamos descansar, pois aprender não ocupa espaço, não é mesmo? Por isso, deixo abaixo algumas sugestões de investimento filosófico!

7.1. Leitura Sugerida:



- *A presença dos mitos em nossas vidas*

Autor: Mary Midgley. **Editora:** Editora Une

Resumo: Segundo Mary Midgley, “O tema deste livro é a importância crucial do simbolismo em nosso pensamento e a consequente necessidade de levarmos a sério nossa vida imaginativa, mesmo quando estamos lidando com assuntos que nos parecem triviais”.

Historicamente postada na linha de frente do combate à deflagração do cientificismo

como via quase exclusiva de interpretação, não apenas dos fenômenos biológicos, mas também políticos e sociais, Midgley reúne neste livro os pontos centrais de seu pensamento antirreducionista, estabelecendo uma radiografia de nossa sociedade em busca dos mitos que nela estão presentes.

8. RESUMO

Nestas Orientações de Estudos 1 – Bimestre 2 de 2021, Filosofia – 1ª série, você aprendeu:

- Nos vídeos propostos foi apresentado como o mito se transformou em Filosofia e também aprendeu sobre os principais mitos Gregos;
- O que é mito e como ele abriu caminho para a construção de uma nova forma de pensar e conhecer, a Filosofia;
- Como o saber e a verdade se tornaram ferramentas importantes para a construção de uma nova forma de pensar e refletir sobre a vida e o mundo, não mais só na perspectiva da natureza;
- A profa. Marilena Chaui, em seu texto, nos trouxe uma maravilhosa aula sobre o que é mito e Filosofia, a relação entre cosmogonia e teogonia e as principais diferenças entre mito e Filosofia na atualidade;
- Também percebemos como o mito se reformulou e chegou aos nossos dias, não mais como objeto oriundo do real, mas numa reconstrução com base no virtual e sensitivo;
- Percebemos também a importância da fantasmagoria para a compreensão dos mitos modernos e como ainda nos refletimos através dos mitos dos super-heróis;
- Por fim, trouxemos alguns exercícios do Enem para poder exercitar e praticar filosoficamente.

9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANHA, M. L. A.; MARTINS, M. H. P. **Filosofando**. Introdução à Filosofia. 6 ed. São Paulo: Moderna, 2016.

BELO, R. S. **360º Filosofia**: histórias e dilemas. Vol. Único, 1 ed. São Paulo: FTD, 2015.

CHAUI, M. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ed. Ática, 2000.

CUNHA JÚNIOR, L. N. A Noção de Fantasmagoria na Filosofia de Walter Benjamin. In: DONATELLI, M. C.O. F. (Org.). **Filosofia**. Coleção Cadernos de aula. Ilhéus: Editus, 2012.

GLOBO.COM. **Educação**: Simplifique seus estudos para o Enem. Disponível em: <<http://educacao.globo.com/>>. Acesso em: 14 jan. 2021.

JAPIASSÚ, H. **Dicionário Básico de Filosofia**. 5 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

RODRIGUES, E. V. F. **Uma lição de Umberto Eco sobre os mitos modernos**. São Paulo: Unesp Ciência, 2016.